

A Representação da Mulher Viking na Volsunga Saga

Marlon Ângelo Maltauro

Licenciado em História pela FAFI-UV, PR
marlonmaltauro@yahoo.com.br

Resumo

A pesquisa consiste em analisar a perspectiva da relação entre gênero e poder na sociedade Viking, verificando o comportamento dos personagens femininos na trajetória mítica do herói Sigurðr. O escopo do trabalho é examinar se as mulheres que colaboraram com o herói e as que tentaram elimina-lo na narrativa refletem diretamente as características sócio-políticas da Escandinávia Medieval.

Palavras-Chave: Mitos escandinavos; Cultura Viking; Imaginário

Abstract

The research consists of analyzing the perspective of the relationship between gender and power in the society Viking, verifying the feminine characters' behavior in the mythical path of hero Sigurðr. The mark of the work is to examine the women that collaborated with the hero and ones that tried to eliminate him in the narrative the social characteristics of the Medieval Scandinavian directly.

Keywords: Scandinavian Mythology; Viking Culture; Imaginary

Introdução

As principais fontes escritas a respeito das velhas tradições da sociedade viking são as Sagas e os Eddas¹. Quando estas obras começaram a ser traduzidas em diversas línguas no século XIX foram a principio consideradas obras de ficção literária, fábulas que tinham o objetivo de entreter e despertar o orgulho dos descendentes da cultura viking (Maltauro, 2003: 81), porém, sabe-se que tais fontes misturam material legendários com feitos históricos sendo possível observar em suas entrelinhas inúmeros aspectos sócio-políticos.

Os dois manuscritos mais importantes que contem a narrativa de Sigurðr² são a Völsunga Saga³ e a Edda Poética, embora sendo compilados no período cristão, ambas preservam sua estrutura original paganista, repletas de elementos fantásticos cujas origens mesclam-se entre a época das grandes migrações dos povos germânicos e elementos da sociedade viking (Vera, 1998: 08) sendo fontes de extrema importância para o estudo das duas civilizações. Devido à mescla entre elementos fantásticos/históricos e germânicos/vikings na estrutura das fontes, procurou-se analisar os relatos de cunho histórico como os do historiador romano Tácito sobre os antigos germanos e as descrições do árabe Ibn Fadlan acerca da cultura viking.

O nosso objetivo é analisar de que maneira e com que finalidade a sociedade viking criou suas identidades e papéis sexuais, delimitou as especificidades de categorias sociais definidas pelo sexo ou pelo comportamento sexual. Nossa maior preocupação é compreender a ideologia do gênero vinculada ao poder político e religioso no mundo nórdico, averiguando assim, a importância dos grupos de gênero no passado histórico e o alcance dos papéis sexuais e do símbolo sexual, encontrando o seu sentido e como eles funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la. Para Scott, gênero torna-se, uma maneira de indicar as construções sociais sobre os papéis adequados aos homens e mulheres, *“em outras palavras, este uso do gênero não se refere nada mais do que aos domínios, tanto estruturais quando ideológicos que implicam as relações entre os sexos”* (Scott 1990: 07). Sob esta ótica, gênero é um elemento construtivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, tornando-se um modo de dar significado as relações de poder, sendo este a capacidade de produzir efeitos desejados sobre seres ou coisas. Como um elemento constitutivo das relações de poder fundadas sobre as diferenças percebidas.

A narrativa de Sigurðr apresenta três mulheres cujo papel é decisivo na história do herói, sendo uma fonte mitológica, as funções desempenhadas por essas mulheres contam-nos sobre as tensões produzidas por uma sociedade fundamentada entre as diferenças dos sexos.

1. Brynhilðr

Sigurðr após matar e comer o coração do dragão Fafnir consegue entender a linguagem dos pássaros que comentam a respeito de uma donzela que dormia em uma montanha cercada por fogo, onde só um homem que não conhecesse o medo poderia desapertá-la e desposá-la. O herói decide então realizar tal proeza, chegando a montanha encontra uma pessoa dormindo, totalmente vestida com uma cota de malha bem justa ao corpo e com elmo na cabeça, ao se aproximar vê que se trata de uma mulher e com sua espada rompe a malha do corpo despertando-a. Ela conta a Sigurðr que Óðinn⁴ impôs tal castigo por haver concedido a vitória a um guerreiro e não ao rei a quem o deus havia prometido. Brynhilðr relata que já não poderia ir aos campos de batalha com suas

companheiras para distribuir a vitória e que nunca mais ganharia uma batalha novamente sendo obrigada a se casar.

A descrição de Brynhilðr (Sigrdrífa na Edda Poética) contradiz com tudo o que uma mulher deveria ser (Norrman, 2000: 380), já que o papel da mulher era cuidar dos afazeres domésticos cuidando das crianças, preparando os alimentos, limpando a casa, lavando a roupa, dedicando-se a tecelagem sendo também de sua responsabilidade ordenhar as vacas, fazer queijo e manteiga, preparar remédios e tratar dos doentes e feridos (Maltauro, 2001: 14). Neste caso temos uma mulher vestida como um homem, em uma cota de malha, dormindo em um forte, portanto sendo vista como uma transgressora do papel concernido à mulher.

A existência de mulheres guerreiras entre os vikings é um tema de grande complexidade, pesquisadores dividem-se a respeito da existência ou não dessas guerreiras nórdicas. Lena Norrman, comenta que, se existiram guerreiras escandinavas estas eram adolescentes que não tinham consciência de sua própria sexualidade (Norrman, 2000: 381), ou viúvas quando havia a necessidade de vingança em relação à morte de seu marido ou familiares (Langer, 2004: 32). Porém Tácito descreve a existência de mulheres que restauravam as linhas de combate rompidas, quando as batalhas perigavam fracassar:

Reza a tradição que, muitas vezes, quando as batalhas perigavam o fracasso se aproximava, as mulheres restauravam as linhas rompidas, obrigando o esquadrão a retornar a frente, quando em fuga, com a persistência das suas súplicas, opondo-lhes feitos e amedrontando-os com o cativo como conseqüência (...) (Tácito, cap. VIII)

No entanto, Tácito não testemunhou as mulheres guerreiras, já que ele descreve “reza da tradição” indicando que o ele não tem certeza da veracidade dos fatos, pode-se observar também que as mulheres só guerreavam para obrigar seus maridos a retornarem a batalha. Outro problema é que possivelmente neste trecho o autor pode estar se referindo ao povo celta e não aos germanos, já que Tácito generalizou todos os povos que viviam na Germânia. Embora abundem descrições de mulheres guerreiras em diversas fontes, para Judith Jesch dificilmente as mulheres teriam a oportunidade de participar de guerras, já que tais funções eram prerrogativas dos membros masculinos, e como foi observado pela autora não há nenhuma evidência arqueológica que confirme a existência de guerreiras, concluindo que sua existência era logicamente impossível (Jesch, 2003: 01).

As fontes descrevem Brynhilðr como uma valkyrjor⁵ que dentro do contexto histórico mitológico tem características guerreiras “(...) a figura da Valquíria: ela é a matadora de homens – em sua qualidade de mensageira de Odin” (Boyer, 1997 b). Percebe-se que a desobediência de Brynhilðr reflete como uma tentativa da mulher equiparar-se ao homem (Langer, 2004: 39). Norrman relata que tanto as leis norueguesas quanto do código de leis da Islândia, expressam que qualquer um que se vestisse como o sexo oposto e a mulher que usasse armas seriam punidos (Norrman, 2000: 377), compartilhando dessa visão Diana Paxson comenta que se pode observar que tanto o mito das valkyrjor quanto a proibição contra as mulheres que se vestiam como homens indica que em algum momento houve mulheres que assumiam o papel de guerreiras (Paxson, 1997).

Boyer também interpreta o casamento da valkyrjor como uma punição: “Casar-se com um homem é para uma Valquíria, pura punição infligida por Odin” (Boyer, 1997b: 745).

O contexto histórico mostra que mulheres guerreiras representavam um obstáculo ao poder social e a perda de prestígio perante a comunidade em que viviam (Langer, 2004: 41). Sigurðr ao despertar Brynhildr faz com que ela abandone seu caráter guerreiro, simboliza a sujeição das mulheres ao controle direto da classe guerreira, já que a arte da guerra representa o poder exclusivo dos homens.

A narrativa prossegue e a valkyrjor ensina a Sigurðr o segredo das runas⁶ proferindo vários conselhos sobre regras sociais, ensinando-lhe encantamentos mágicos para a proteção de inúmeros perigos que circundavam a vida dos guerreiros, também profetiza que os dois não ficarão juntos. Os encantamentos mágicos ensinados a Sigurðr são identificados como Galldr, um tipo de magia relacionada ao reis, nobres e guerreiros, ou seja, magia tipicamente odinista que tem como caráter básico à proteção (Berlet, 2000). Brynhildr apresenta o aspecto protetor das valkyrjor, ajudando o herói odinico a completar sua jornada, que só é realizada devido à interferência de entidades sobrenaturais. A Völsunga saga mostra que os ancestrais de Sigurðr foram ajudados inúmeras vezes por Óðinn, e o próprio herói só consegue chegar a Brynhildr graças à intervenção odinica e após encontrá-la o deus passa o encargo para ela. Langer⁷ argumenta que as agentes odinicas elegiam seu protegido, isto fica bem implícito na Saga de Sigurðr, já que Brynhildr acaba sendo punida por proteger um guerreiro que Óðinn não queria que ganhasse a vitória.

A visão das valkyrjas como protetora também é apresentada por Jesch: “*In them, the mythological valkyries who allot death on the battlefield and serve drinks in Valhall have developed the additional role of guardian and tutor to the hero*” (Jesch, 2003: 179).

A Völsunga saga narra que após Sigurðr e Brynhildr selarem compromisso a valkyrjor vai para a casa de seu tutor Heimir, pouco depois o herói chega aquele reino e se reencontra com ela, a saga descreve-a a partir deste momento em uma esfera doméstica, embora a fonte relate sobre algumas suas batalhas passadas e que ela preferia guerrear a dedicar-se aos afazeres domésticos. Sigurðr a encontra bordando um tapete que conta às aventuras do herói há confecção de tapetes parece ter sido uma atividade de mulheres de classe nobre (Maltauro, 2001: 14). Brynhildr após dar boas vindas a Sigurðr oferece-lhe bebida, sendo a mesma função exercidas pelas valkyrjas quando chegavam os guerreiros mortos em batalha ao Valhöll. “*Há ainda outras que servem ao Valhöll, carregando as bebidas e preparando as mesas e jarras*” (Sturluson: 90). As representações iconográficas da Era Viking apresentam em sua maioria as valkyrjas transportando cornos com bebidas, retratando-as como serventes do Valhöll (Langer, 2004: 33). Servir ao homem era função da mulher aos antigos povos germânicos, pois nenhum guerreiro dedicava-se a serviços domésticos. “*Nenhum homem forte e belicoso se inclina ao trabalho, pois entregam ao cuidado das mulheres*” (Tácito, cap. XV).

Após o herói se despedir de Brynhildr, vai para o reino do rei Gjuki, onde é enfeitado esquecendo-a e se casando com Guðrun, também auxilia Gunnar (filho do rei Gjuki) a conquistar o direito de casar com Brynhildr, trocando de aparência com ele, passando pela redoma de fogo do palácio, ficando ali três noites. Embora partilhassem a mesma cama o herói coloca sua espada entre os dois. A espada desembainhada simboliza a honra do herói (Borges, 1965: 186) tal ação representa a renúncia possível por sua força espiritual expressada pela espada (Cirlot, 1984: 328) mantém também a castidade da valkyrjor intacta (apesar dela ter em seu primeiro casamento uma filha com Sigurðr) já que o adultério era punido pelas sociedades germânicas.

Os adultérios são raríssimos entre povo tão numeroso e quando os há a punição não se faz esperar e cabe ao marido ministrá-la. Depois de cortar-lhe os cabelos e desnuda-la na presença de parentes, o marido a expulsa de casa e,

a golpes de açoite, conduí-la através da aldeia em que habitam, pois diante de tal desonra não pode haver misericórdia (Tático, cap. XIX).

Tempos depois Guðrun troca ofensas com Brynhilðr e conta-lhe sobre a conspiração feita para que ela se casasse com Gunnar, a partir daí a valkyrjor instiga seu marido para matar Sigurðr, ameaçando-o não compartilhar seu leito com ele até que fosse levada a cabo sua vingança. Incapaz de matar-lhe por ter feito um juramento de fidelidade com Sigurðr, Gunnar pede a seu irmão Guttormr, que mate o herói já que o rapaz não tinha feito tal pacto, oferecendo-lhe grande recompensa.

Nota-se que Brynhilðr não age mais como uma guerreira, ao invés de lutar com Guðrun pelas ofensas recebidas ela retribui o insulto e recolhe-se em seu quarto, não tenta matar Sigurðr, mas incita seu marido a tal ato, ameaçando-lhe com abstinência sexual enquanto não for cumprida sua vingança, Brynhilðr tem um comportamento característico de uma mulher, observa-se também a habilidade feminina em manipular o poder. A característica de uma mulher como incitadora de rixas ou vinganças parece ter sido algo comum nas sagas: *“In fact, they both act out the role most commonly assigned to female characters in the Saga of Icelanders, that of the woman who has to goad the male members of her household into starting or continuing a feud”* (Jesch, 2003: 188).

A continuação da saga que Guttormr assassina Sigurðr, mas também acaba sendo morto pelo herói. Brynhilðr faz os preparativos para o funeral do herói colocando junto a seu corpo seu filho de três anos que a valkyrjor tinha mandado assassinar, sua espada, as pessoas que tinham morrido junto com ele, sacrificam também dois falcões, cachorros, cinco servas, oito escravos. Quando a pira funerária é acessa Brynhilðr arrependida e em desespero entra nas chamas e morre abrasada junto a Sigurðr⁸. Neste tipo de ritual funerário, a função da mulher também é apresentado em três outras fontes.

A Germânia escrita pelo historiador Tácito descreve que: *“Em relação aos homens ilustres costuma-se lhes queimar os corpos com lenha especial, de madeira odorífera. Nela costuma lançar, porém, as armas do morto: de alguns também o cavalo se incinera”* (Tácito, cap. XXVIII).

O funeral do deus Baldr também é análogo ao de Sigurðr, e acaba com a esposa da divindade sendo incinerada junto a ele. *“O corpo de Baldr foi carregado até o barco e quando sua esposa, Nanna, filha de Nep, presenciou tal cena, seu coração partiu-se em amargura e ela morreu; foi então, levada e posta ao fogo com ele”* (Sturluson: 120).

O árabe Ibn Fadlan que esteve entre os vikings em 922, relata que no funeral de um homem rico foram sacrificados uma escrava, um cachorro, dois cavalos e duas vacas, um galo e uma galinha, foram colocados no barco funerário também armas frutas e plantas aromáticas e uma variedade de comida (Fadlan).

Os objetos e as pessoas que eram sacrificadas junto aos mortos testificam seu status elevado junto à sociedade (Velasco, s/d: 24), também simbolizam a passagem da vida após a morte⁹. Diante dos relatos podemos observar que este tipo de ritual é antiquíssimo, a descrição do funeral de Baldr mostra como o mito fornece o modelo para a conduta social, tornando-se um instrumento da atividade religiosa. É importante notarmos que fora a descrição de Tácito nos outros relatos a mulher é sacrificada ou decide por si ser queimada junto ao homem, talvez para fazer-lhe companhia na viagem ao outro mundo.

As características de Brynhilðr apresentam uma mescla de beleza e ferocidade, feminilidade e força, criando um ambiente de misteriosa sensualidade onde se unem a morte e a vida, tornando-a uma figura obsessivamente atraente (Branston, 1960: 339), tanto que Norrman ao citar a pesquisadora Andersson diz que ela argumenta que embora o herói da saga fosse Sigurðr, Brynhilðr quem é a verdadeira heroína, pois no final da saga ela torna-se a personagem principal, a pesquisadora relata também que isto

se deve provavelmente ao fato da saga ter derivado de diferentes lendas e da visão de gênero do autor que a compilou (Andersson, 1980: 74, 79). Para Jesch a fantasia heróica da valkyrjor como mulher guerreira, pode ser um produto a visão cristã e misógina de Saxo Gramático. (Jesch, 2003: 180).

2. Guðrun

O Comportamento de Guðrun é em toda a saga tipicamente dentro de um ambiente feminino. Ela é inserida na narração como uma nobre donzela que vive sob a tutela de seu pai o rei Gjúki, é descrita como uma bela mulher que sonha em se casar e só sai de casa acompanhada de seu séqüito. Dedicar-se aos afazeres domésticos, embora tais afazeres sejam bordar e servir bebidas, ao que parece, devido a sua condição de nobre, a responsabilidade de limpar a casa, lavar a roupa, ordenhar as vacas, fazer queijo e manteiga e cuidar das crianças, eram trabalhos feitos pelas suas servas, já que a saga não descreve em nenhum momento mulheres dedicando-se a tal tarefa, isto se deve ao fato das fontes literárias apresentar somente aspectos sociais das classes de status elevado, não relatando o cotidiano das outras classes, pois tais fontes eram vinculadas à aristocracia e a realeza, sendo o objetivo das histórias nelas narradas legitimar o poder dessa camada social à medida que estas classes consideravam-se descendentes dos heróis, que por sua vez descendiam dos deuses, completando assim um ciclo de legitimação a base de uma hereditariedade divina (Kothe, 1985: 11). Esta legitimação ocorreu quando as histórias eram relatos orais como também após serem redigidas.

Quando Guðrun se casa com Sigurðr, ele oferece-lhe um pedaço do coração de Fafnir tornando-a muito mais esperta e maligna. As fontes narram que depois da união, Sigurðr faz várias expedições no exterior, voltando com um grande botim de guerra, enquanto Guðrun fica em casa. A imagem tradicional de gênero na Era Viking é da mulher como guardiã das chaves da casa, seu papel era na esfera doméstica, enquanto que o homem assume ativamente o domínio fora de casa (Norrman, 2000: 379). Embora não possa ser descartada a possibilidade da mulher ter acompanhado seu marido em algumas incursões, dificilmente as mulheres lutariam ao lado dos homens. “*Historically, women have had little opportunity to participate in war, murder, rape and robbery; such activities have usually been the prerogative of members of the male sex*” (Jesch, 1991: 01). Tácito descreve o papel das mulheres quando acompanhavam seus maridos: “*Ao se colocarem para o combate, postam perto de si tudo quanto mais amam: afim de que, assim, possam ouvir o vozereio das mulheres e a gritaria das crianças, fiéis testemunhas de sua coragem e cujos louvores são os que mais prezam e mais gostam de ouvir*” (Tácito, cap. VII).

A Völsunga saga narra que Guttorm matou Sigurðr enquanto ele dormia, Guðrun ao vê-lo agonizando começa a gritar e chorar desesperada, já o poema Gudrúnarkviða in fyrsta, relata que ela não chora como as outras mulheres, embora estivesse a ponto de explodir de dor, até que não agüenta mais e põe-se a chorar (Edda Poética). Para Lerate, Guðrun estava em estado de choque, por isso não falava nem chorava, só vindo a chorar devido a um encanto mágico que faz com que ela saia de tal estado (Lerate, 2000: 274). Tácito comenta que o pranto é honroso para as mulheres, indicando que os homens dificilmente choram, mas o pesar e a tristeza perduravam por muito tempo (Tácito, cap. XXVIII).

Após a morte do herói, Guðrun desesperada entra em um bosque e continua caminhando até chegar à corte do rei Hálfir, lá borda um tapete representando todas as façanhas de seu falecido marido, então seus familiares vão resgatá-la e sua mãe decide

casa-la com o rei Atli, apesar dela ir contra esta decisão acaba cedendo a vontade de Grimild. Guðrun em nenhum momento desobedece à ordem de seus familiares, mostrando que independente de sua classe social a mulher era submissa às decisões de seus parentes, pois dentro de uma sociedade patriarcal como a viking as mulheres eram educadas para respeitar os homens. A submissão de Guðrun perante sua família atesta a influência da mesma dentro do contexto social, sendo a célula básica na organização dos germanos e escandinavos. “*La familia actúa desde el punto de vista social a ala par que religioso como un todo; el resto de las estructuras se forman por aglutinamiento y a su imagen*” (Velasco, s/d: 20). Tácito também descreve a importância da família em relação ao casamento: “O pai, a mãe e os parentes intervêm e controlam os presentes do noivado” (Tácito, cap. XVIII).

Intentando se apoderar do tesouro que pertencia a Sigurðr, Atli convida os irmãos de Guðrun a ir visitá-los, extermina com o exército de seus convidados mantendo vivo somente Gunnar e como este não revela onde está escondido o tesouro decide jogá-lo em um fosso repleto de serpentes, para ajudá-lo Guðrun lança uma harpa e Gunnar por estar com as mãos amarradas começa a tocá-la com os dentes adormecendo as serpentes até que uma entra em seu nariz e devora seu coração¹⁰.

O Edda Poética relata sobre uma escrava que havia sido concubina de Atli e que, acusou Guðrun de traí-lo com o rei Tiodrek. Atli obrigou as duas mulheres a passarem pela prova do ordálio para saber se a acusação era verdadeira, a prova consistia em tirar pedras do fundo de um caldeirão com água fervendo, Guðrun conseguiu tirá-las sem se queimar, já a escrava ao tentar acaba ferindo sua mão. O historiador Gerald Simons descreve com precisão como era feita a prova do ordálio, segundo ele: “O acusado podia por a mão no fogo, andar entre montes de carvão em brasa, carregar uma barra de ferro incandescente ou retirar pedras do fundo de um caldeirão de água fervendo. Passados alguns dias verificava-se o estado dos ferimentos do acusado: se estivessem infeccionados, era culpado” (Simons, 1970: 86). Segundo Michael Gibson a tarefa de retirar pedras do caldeirão era uma prova mais específica para as mulheres (Gibson, 1990: 12).

Guðrun pediu a Atli que preparasse uma festa para celebrar o funeral de seus irmãos, planejando sua vingança ela mata os dois filhos que teve com o rei, mistura o sangue deles ao vinho e serve seus corações assados a Atli, por fim acaba transpassando-lhe uma espada e antes de morrer o rei fala que por tal traição ela deveria morrer apedrejada.

O Casamento fracassado de Atli merece uma atenção especial, pode-se observar que Guðrun se impõe a todo o momento o rei, já que após a união, era o dever dela como esposa apoiar seu marido em todas as suas decisões, este ato de fidelidade é firmado logo no início do rito nupcial, um exemplo deste ato de fidelidade é descrito na Germânia:

(...) o noivo recebe a mulher que, por seu turno, oferece as armas ao marido. Afim de que a mulher não se julgue desobrigada de pensamentos virtuosos nem alheia aos negócios da guerra é advertida, logo ao início do rito nupcial, de que deve partilhar com o marido dos trabalhos e dos perigos que ele enfrenta e lhe deve solidariedade perfeita nos sofrimentos e nas façanhas que alcançar, tanto na paz como nos campos de batalha” (Tácito, cap. XVIII).

Guðrun não consegue desvencilhar-se de sua família e assumir os compromissos do seu segundo casamento, ela faz tudo o que pode para ajudá-los e vingá-los dentro da esfera de ação feminina. Primeiro tenta avisar seus irmãos sobre a emboscada enviando-lhes uma mensagem escrita em runas que acaba sendo modificada pelos mensageiros de

Atli, depois ao ver seu irmão prestes a ser morto pelas serpentes joga-lhe uma harpa e por fim, para vingar sua família mata seus próprios filhos, servindo-os a mesa do rei, não aplacada sua ira acaba o matando. O que mais impressiona na narração é a coragem de Guðrun em matar seus próprios filhos, porém é o único meio que ela encontra para vingar-se, já que como mulher era incapaz de comandar um exército para acabar com seu marido, e antes de matá-lo faz com que ele saiba que todos os seus filhos tinham sido assassinados, acabando assim com toda a estirpe do rei, fazendo com que Atli deseje que ela morra apedrejada. Diaz Vera comenta que para a mulher escandinava não poderia haver nada mais vergonhoso do que morrer apedrejada (Vera, 1998: 275).

Dando continuidade a narrativa, Guðrun consciente de seus atos tenta se suicidar pegando pedras e entrando no mar, mas ao invés de se afogar é levada pelas ondas até a corte do rei Jónakr, com quem acaba se casando. O rei Jormunrek, pretendendo casar com a filha que Guðrun teve com Sigurðr, envia seu filho e um mensageiro a corte de Jónakr que da permissão para a união, embora Guðrun não tenha gostado, não ousa contrariar seu marido. Na viagem de volta o mensageiro aconselhou que o filho de Jormunrek a desposasse, ele a pegou e foi falar a sós com ela, quando chegou ao reino o mensageiro contou o ocorrido ao rei, que condenou seu filho a força e sua pretendente a ser pisoteada por cavalos. Tácito explica que a força era um castigo reservado aos traidores (Tácito, cap. XII), já no que se refere ao adultério, encontramos aqui uma variação da descrição do historiador romano, no entanto o propósito que consistia em fazer a mulher ser humilhada publicamente não se altera.

Ao saber da morte de sua filha Guðrun incita os filhos que teve com o rei Jónakr a vingarem a morte de sua irmã. Embora seus filhos acharem que não havia a necessidade de vingança aceitam a tarefa, pois não agüentam sua mãe os acusando de covardes. Segundo a saga após Guðrun exigir o direito de vingança, seu papel em tal empreitada consiste em incitá-los e confeccionar-lhes cotas de malha para a realização de tal tarefa. No que se refere ao direito de vingança, ela poderia ser efetuada por qualquer membro da família, sendo que esta abrangia os descendentes e ascendentes até segundo grau, os colaterais até a sexta geração de primos, os legítimos e ilegítimos, filhos, genros, sogros e cunhados, (Louth, 1976: 253). Tácito relata que “*tem-se como dever aceitar, em herança, os ódios e as malquerenças que do pai, que dos parentes*” (Tácito, cap. XXI). O papel das mulheres estava em incitar a vingança de seus entes, recorremos novamente ao historiador romano para descrever como as mulheres obrigavam os homens a agir: “*Com a persistência de suas súplicas, opondo-lhes os feitos e amedrontando-os com o cativo como consequência, o que eles temem extraordinariamente por causa delas*” (Tácito, cap. VIII). Ao que parece o verdadeiro poder da mulher escandinava consistia na capacidade de persuasão que ela possuía para conseguir seus objetivos. Jesch explica que nas sagas abundam exemplos de mulheres incitando seus maridos a vingança. “*On one hand, the proud, strong-willed woman who is frequently the catalyst for, if not the cause of, trouble; on the other hand the fierce guardian of her family’s standing and honor, the voice of conscience that reminds men of their duty*” (Jesch, 1991: 189).

O pedido de vingança parece ser o último ato de Guðrun, depois de vingar sua filha ela lamenta sua vida infeliz, a morte de Sigurðr e de seus parentes, sendo confortada pela promessa do herói em esperá-la na vida pós-morte. Depois as fontes não relatam mais nada sobre ela, dando a impressão que Guðrun continua tão romântica quanto ao primeiro momento em que ela foi introduzida na narrativa e que só a vida após a morte a faria novamente feliz.

A Saga de Sigurðr é baseada em uma herança comum aos povos germânicos cujas origens são obscuras, a última parte da saga preocupasse em enfatizar o romantismo de

Guðrun aparentando ser acrescentada a narrativa original da saga, por autores preocupados em dar uma visão romântica para a história sendo esta uma influência da cavalaria européia dos romances de corte. Judith Jesch problematiza esta questão em sua obra, para ela esta última parte da história certamente foi composta no século XII, no entanto os poemas do Edda Poética que descrevem a lenda de Guðrun parecem ser genuinamente antigos, tal como o *Atlakviða* (Jesch, 1991: 144). De qualquer maneira a saga apresenta a visão da mulher no período medieval.

3. Grimild

A rainha Grimild é apresentada nas fontes como um personagem obscuro, de características malévolas. Ao descobrir sobre o amor de Sigurðr e Brynhildr, planeja uma maneira de acabar como romance e ter o herói como seu genro, pois nenhum outro homem poderia rivalizar com ele, tanto no aspecto bélico quanto por sua riqueza, ficando visível seu interesse no que se refere à proteção e riqueza aumentando assim o poder de seu reino. Sendo os laços familiares a base da estrutura social germânico viking, Sigurðr teria como obrigação aceitar as rixas que os parentes de sua mulher tinham contraído ou viriam a adquirir, tal como já citamos anteriormente, Tácito descreve que se tem como herança os ódios e as malquerenças, o historiador também relata que na guerra os familiares se agrupavam formando um bloco com o intuito de proteger seus entes próximos.

“O que, porém, representa o principal sentido da sua valentia é o fato de que em lugar de constituírem um aglomerado de gentes as mais diversas, pelo contrario, cada turma de cavalaria e cada esquadrão de infantaria são formados de homens da mesma família ou então por membros de nações aliadas” (Tácito, cap. VII).

Sendo a civilização viking uma sociedade de caráter bélico era, portanto, de vital importância para os membros de uma família que as mulheres casassem com pessoas de renomado poder, para que pudessem sobreviver.

Grimild só consegue fazer com que Sigurðr se case com Guðrun após dar-lhe uma poção mágica junto com a bebida fazendo com que o herói se esqueça de Brynhildr. O aspecto sombrio de Grimild, seus rituais mágicos e seu aspecto divinatório são caracterizados como a prática de magia conhecida como *Seiðr*¹¹, embora a saga cite o termo *Fjölkunngu*, termo genérico para magia. “The magik of Seiðr includes divination, soul travel, shape shifting, necromancy and cursing” (Richardson). Berlet conceitua *seiðr* como um tipo de magia tipicamente feminina e com um caráter malévolos (Berlet, 2000). Langer também compactua com a idéia de que as mulheres tinham uma função predominantemente neste culto ritualístico e eram conhecidas como *Völvás*, *Spakonas* e *Seiðkonas*¹². Grimild utiliza a magia principalmente para fazer poções para a perda da memória, utilizando primeiro para fazer com que Sigurðr esquecer que era casado e depois para que Guðrun voltasse para casa.

Grimild é uma personagem com característica dominadora que comanda o reino, por meio de sua persuasão e manipulação utilizando constantemente a magia para conseguir seus objetivos. O que faz Grimild se destacar na saga é sua capacidade de persuasão utilizando sua posição social de destaque e seus poderes mágicos, aumentando assim o poder de seu reino. A historiadora Judith Jesch, descreve sobre as responsabilidades e o poder da mulher:

“Such women had role responsibility for provision of food to large numbers of people. With the men often away, the hosewife also had considerable power over the day-to-day running of the farm. But it is clear that their power depended on the standing of their husband, and on how much responsibility he was willing to give his wife” (Jesch, 2003: 187).

Embora a função do homem fosse a de governar o reino, observa-se que, quem toma as decisões é a rainha Grimild, todavia o rei Gjúki exerça suas funções como sacerdote principal conduzindo os cultos religiosos, já que esta função pertencia ao rei a nível tribal e ao pai no âmbito familiar, sendo o homem encarregado de representar o grupo frente aos poderes sobrenaturais (Velasco, s/d: 28), Grimild não depõe seu marido de tais funções, ela utiliza sua posição para manipulá-lo, pois a rainha não é apresentada como uma transgressora do gênero, em nenhum momento ela age como homem. Scott explica que:

“A relação (...) com a lei depende da diferença sexual, da sua identificação imaginária (ou fantástica) com a posição masculina ou feminina. Em outras palavras, a imposição de regras de interação social é sexuada de maneira inerente e específica, pois a relação feminina com o falo é forçosamente diferente da relação masculina” (Scott, 1990, p. 12).

A descrição de Scott se encaixa perfeitamente na estrutura social escandinava sendo uma sociedade de cultura patriarcal, uma mulher tomando para si as funções do homem seria impossível.

É interessante notar que nem o rei Gjúki, nem seus filhos repreendem Grimild por suas intrigas, ao invés disso acabam cedendo as suas exigências, no que se refere a este tópico, podemos apontar duas hipóteses. Pode-se interpretar que todos os homens que foram ao reino acabaram sendo influenciados por meio de encantos mágicos feitos pela rainha, ou os homens acabaram cedendo as suas exigências por ela representar a voz da consciência masculina que a todo instante lembra aos homens seus deveres como guardiãs de seu núcleo familiar.

Grimild é vilã da saga por meio da vidência descobre sobre o amor sobre o amor de Sigurðr e Brynhildr, faz com que o herói se case com sua filha, aconselha Gunnar a se casar com a valkyrjor e ensina a Sigurðr a mudar de forma com seu filho para conseguir desposá-la, a rainha também é conivente com o plano de matar Sigurðr e utiliza a vidência para descobrir Guðrun na corte de Hákon obrigando-a a casar com o rei Atli.

Considerações Finais

A aplicação de gênero no Ciclo de Sigurðr torna possível a análise das mudanças na organização das relações sociais que correspondem sempre às mudanças nas representações do poder. Como elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas, estruturadas por representações simbólicas, com frequência contraditória conforme suas modalidades e contextos. *“Os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social”* (Scott, 1990: 16).

A forma em que as mulheres apresentam-se na saga põem em evidência as interpretações do sentido dos símbolos, que limitam e contêm suas possibilidades metafóricas. Estes conceitos são expressos nos mitos. Embora estas personagens façam parte de um ciclo mitológico e nem sempre hajam conforme a realidade vivida na

sociedade viking é importante frisar que o estudo da mitologia não se limita especificamente a forma morfológica do mito, mas abrange a pesquisa filológica analisando assim todo o contexto cultural da sociedade, objetivando assimilar o mito à história, fazendo com que, analisemos o mito sob uma ótica onde ele é um relato cujas características são fenômenos importantes para a sociedade. Desta forma o mito fornece o modelo para a conduta humana, sendo que os deveres, obrigações, direitos e expectativas humanas em relação ao reino físico, social e espiritual estão todos firmados nele. Com a análise do mito e gênero, pudemos observar as formas de poder em seus diferentes aspectos, tais como: “a soberania, em seu duplo aspecto mágico e violento, jurídico e pacífico, potência guerreira e força física” (Vernant, 1992: 209).

Na saga, analisamos três mulheres dominantes, que ora apresentam-se como mitos e a serem seguidos pela sociedade, ora seguem exemplos mitológicos. No entanto o maior problema com que nos deparamos foi tentar verificar o grau de interferência dos autores que compilaram as fontes por escrito, já que foram vertidas por escrito no período cristão às histórias narradas sobre as mulheres poderiam ter sido modificadas segundo moldes cristãos. Jesch sugere que o papel das mulheres como incitadoras reflete a verdadeira situação da Era Viking e mesmo que tenha havido a interferência dos compiladores das fontes subconsciente eles foram influenciados pelas tradições orais (Jesch, 1991: 182).

Principais Fontes:

Edda Poética, Versão poética organizada em meados do século XII pelo islandês Sæmundr Sígfusson, possivelmente cópia de manuscrito mais antigo. É integrante de uma coleção manuscrita denominada *Codex Regius* atualmente pertencente à Islândia. Disponível integralmente na Web em tradução inglesa clássica de William Morris e Eiríkr Magnússon (1888): <http://Sunsite.berkeley.edu/omac/volsunga/>. Tradução para o espanhol por Luis Lerate. Madrid: Alianza editorial, 2000.

FADLAN, Ibn. *Risala*, século IX d.C. Original em árabe, tradução para o inglês moderno por H.M. Symsr em *Franciplegius* (New York Press, 1965), disponível parcialmente em: <http://www.vikinganswerlady.com/>.

STURLUSON, Snorri. *Gylfaginning (Prósaedda)*, Islândia século XIII. Versão integral em Old Norse: <http://www.snerpa.is/net/snorri/gylf.htm>. Tradução para o inglês por Jean I. Young, 1954. Disponível em: <http://www.angelfire.com/on/Wodensharrow/skalkaparmal.htm#edda> *Edda em Prosa*. Tradução do inglês para o português por Marcelo Magalhães Lima. Rio de Janeiro: Numen, 1993.

TÁCITO. *Germânia*. Original em latim, disponível em: <http://thelatinlibrary.com/tacitus/tac.ger.shtml>. Traduzido para o português disponível em: www.ricardocosta.com/germani.htm.

ANÔNIMO. *Völsunga Saga*, Islândia século XIII. Original em Old Norse: Fornaldarsögur Norðurlanda: <http://server.fhp.uoregon.edu/Norse>. Tradução de William Morris e Eiríkr Magnússon do Old Norse para o inglês moderno (Walter Scott Press, London, 1888). Disponível integralmente em *The Oline Medieval & Classic Library*: <http://sunsite.Berkeley.Edu/OMACL/Volsunga>. Tradução para o espanhol por Javier e. Diaz Vera. Madrid: Gredos, 1998.

Referências

- ANDERSSON, T.M. *The Legend of Brynhild*. Islandica XLIII. Ithaca: Cornell University Press, 1980.
- BERLET, R. *Galldr and Seiðr: Two sides of the same coin, Gender & Identity in Viking Magic*, 2000. Disponível em: <http://www.publiceye.org/racism/Nordic/viking-magic.htm>.
- BORGES, J.R. ; VASQUEZ, M.E. *Literaturas germânicas medievales*. Buenos Aires: Falbo Librero, 1965.
- BOYER, R. *Mulheres viris*. In: BRUNEL, P. (org.). Dicionário de mitos literários. José Olympio, 1997 b.
- _____. *Yggdrasil: La religión des anciens scandinaves*. Paris: Payot, 1981.
- BRANSTON, B. *Mitologia germânica ilustrada*. Barcelona: Vergara Editorial, 1960.
- BRØNDSTED, J. *Os Vikings*. São Paulo: Hermus, s.d.
- CIRLOT, J.E. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Moraes, 1984.
- DIAZ VERA, J.E. *Introducción*. In: Saga de los Volsungos. Madrid: Gredos, 1998.
- GIBSON, M. *Os Vikings*. São Paulo: Melhoramentos, 1990.
- GRAHAM-CAMPBELL, J. *Os viquingues: origens da cultura escandinava*. Madrir: Edições Del Padro, 1997, vol. 1.
- HAYWOOD, J. *Encyclopaedia of the Viking Age*. London: Thames & Hudson, 2000.
- JESCH, J. *Women in the Viking Age*. Woodbrigde: Boydell Press, 1991.
- KOTHE, F.R. *O herói*. São Paulo: Âtica, 1985.
- LANGER, J. Cultura e Gênero na Escandinávia da Era Viking: análise morfológica do mito das valquírias. *Boletim do NDPH*, Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica/ UNICS. Palmas: CPEA, 2004.
- _____. Morte, sacrifício e renascimento: uma interpretação iconográfica da Estela Viking de Hammar I. *Revista Mirabilia*, n.3, 2003b. Disponível em: <http://www.revistamirabilia.com>
- _____. O mito do dragão na Escandinávia (primeira parte: período pré-viking). *Brathair* 3 (1), 2003a: 42-64. Disponível em: <http://www.brathair.cjb.net>
- LERATE, L. Presentación. In: *Edda Mayor*. Madrid: Alianza Editorial, 2000.
- LOUTH, P. *A civilização dos germanos e dos vikings*. Rio de Janeiro: Otto Pierre, 1976.
- MALTAURO, M. Â. *A civilização viking: desmistificação do povo nórdico*. União da Vitória, trabalho de conclusão do curso de História da Faculdade Estadual, FAFI-UV, 2001. Mimeo.
- _____. Os Vikings descobrem o novo mundo. *Anais*. Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras. União da Vitória, vol.1, nº 3, 2004.
- NORRMAN, L. Woman or Warrior? The construction of gender in Old Norse myth. *11th. International Saga Conference*, 2000. Disponível em: <http://www.arts.usyd.edu.au/departs/medieval/saga.html>
- PAGE, R.I. *Runes*. London: The British Museum Press, 2000.
- PAXSON, D. L. *Sex, Status and Seidh: homosexuality and Germanic Religion*. Disponível em: <http://www.hrafnar.org/seidh/Sex-status-seidh.html>
- RICHARDSON, E. *Seiðr Magic*. Disponível em: http://www.phine.ndirect.co.uk/archives/ess_seidr.htm
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*. Porto Alegre, vol. 16, n.2, 1990.
- SIMONS. G. *Os bárbaros na Europa*. São Paulo: José Olympio, 1970.
- VELASCO, F.D. *La religion de los germanos y escandinavos*. Universidad de la Laguna, s/d. Disponível em: <http://webpages.ull.es/users/fradive/textos/nordic.htm>

VERNANT, J.P. *Mito e sociedade na Grécia Antiga*. Brasília: UNB, 1992.

Notas

¹ Sagas: “História” em Old Iceland. Nome dado às narrativas orais islandesas e escandinavas (Conf. Graham-Campbell, 1997: 103). Eddas, nome genérico dado a dois manuscritos sobre os antigos deuses e heróis germanos. A chamada Edda Menor ou Edda em Prosa é um manual de técnicas de poesia escaldica composto pelo poeta Snorri Sturlusson. Edda Maior ou Edda Poética é um manuscrito de autor desconhecido, procedente de um conjunto de antigos manuscritos reunidos que compõe o Codex Regius descoberto em 1643. (Conf. Lerate, 2000: 09,11).

² Será adotada a forma padrão para terminologia da cultura escandinava, as palavras originais em Old Norse, proposta por Raymond Page e seguida atualmente pelos principais pesquisadores da cultura viking. (Page, 2000: 04).

³ De autor desconhecido, a Völsunga Saga se inscreve dentro de uma série de narrações surgidas na corte de Hákon, o Velho (1217-1263) quarto rei da Noruega (Conf. Vera, 1998: 09).

⁴ Óðinn: o chefe supremo da mitologia germânica, também denominado Wodan, Woden, Wotan. Old Norse, fúria; Alemão moderno: Wotan, que originou a palavra Wut, cólera, raiva. (Langer, 2003 a).

⁵ Valkyrjor: Old Norse, Valr: mortos, Kyrja: escolha (Boyer, 1981: 142). Langer em seu artigo verifica as variações do mito das valkyrjor, descrevendo-as ao longo da História: “entidades sanguíneas incentivadoras de carnificinas (Antiguidade)? Seleccionadoras dos mortos nas batalhas (Antiguidade Tardia)? Seleccionadoras dos mortos e receptoras/serviçais no Valhöl (Período das migrações/ Início da Era Viking)? Guerreiras de Óðinn, donzelas cisnes, esposas/amantes, filhas de reis (Final da Era Viking)?” (Langer, 2004: 41).

⁶ Runas: Alto - alemão: rûnen - cochichar; Anglo - saxão: reonian - murmurar; Antigo irlandês: rûn - mistério; Antigo inglês: runian - falar baixo; Antigo plural islandês: rûnar – segredos (Conf. Louth, 1979, p.328). As letras do alfabeto germânico, consistindo em linhas incisadas na madeira ou pedra. Existiam diversos tipos de alfabetos rúnicos, permitindo datar certa precisão a runestones, conforme estilo adotado. Os alfabetos rúnicos eram chamados futhark (nome derivado dos primeiros caracteres: f, u, þ, a, r, k) e mais conhecido como Elder Futhark comum a todos os povos germânicos. A Era Viking conheceu dois tipos básicos derivados do Elder Futhark, o Rama Longa (Dinamarca) e o Rama Curta (Suécia e Noruega), mas também ocorriam muitas variações regionais e temporais. (Langer, 2003b).

⁷ Tanto a morfologia, quanto às funções das valkyrjas é intensamente analisado pelo historiador em seu artigo: Cultura e Gênero na Escandinávia da Era Viking: análise morfológica do mito das valkyrjas. (Langer, 2004: 24, 49).

⁸ Vários pesquisadores analisaram a pompa e a função dos rituais funerários, principalmente no que se refere aos navios: “a figura do navio não desempenha apenas um papel de emblema da nobreza, mas um símbolo religioso. (...) embarcações são associadas com a jornada para o outro mundo” (Langer, 2003a).

⁹ O poema Sigurðarkviða in skamma, contido no Edda Poética, descreve que Brynhilðr se suicida com uma espada sendo seu corpo colocado em um carro ao lado de Sigurðr e depois a acessa a pira funerária. O poema Gudrunarkviða önnor, comenta que o corpo de Sigurðr foi enviado ao mar, supondo que foi colocado em um navio (Edda Poética).

¹⁰ No poema Oddrunárgrátr, é a mãe de Atli que se transforma e serpente para matar Gunnar, e no Atlamál in grœnlenzo, o herói toca a harpa com os dedos dos pés (Edda Poética).

¹¹ Para Régis Boyer a palavra Seiðr significaria tanto “canto” quanto “união” (Boyer, 1981: 144).

¹² Spakona: profetiza (Spa: Old Norse - narração do destino; profetiza - Kona; mulher); Völva: mulher vidente. (Langer, 2003b).